

AVALIAÇÃO DE VIOLÊNCIA INFANTIL EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

Hellen Caroline Pereira Machado²

Bruna Martinez Yano Lima²

Isabela Araújo Oliveira²

Bruna Dayane Gomes de Ataíde²

Erick Verner de Oliveira Aquino²

Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria³

1- Os acadêmicos deste artigo contaram com Bolsa de Iniciação Científica do PBIC UniEVANGÉLICA.

2- Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Anápolis, UniEVANGÉLICA – Anápolis, GO, Brasil.

3- Doutora em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Professora Adjunta do Centro Universitário de Anápolis, UniEVANGÉLICA. Professora Assistente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Goiânia, GO, Brasil.

A violência é a utilização intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

Segundo dados da *United Nations Children's Fund* (2006), entre 133 milhões e 275 milhões de crianças são vítimas ou testemunhas de violência em casa. A violência infantil pode ser de várias naturezas, incluindo física, sexual, psicológica ou envolvendo a privação, (OMS, 2002). A principal forma é a negligência, a qual é caracterizada por dois critérios: cronicidade e omissão (SBP, 2001), ocorrendo especialmente em crianças de 2 a 5 anos (MALTA et al., 2017). É importante ressaltar que as consequências da violência infantil não se restringem apenas a essa fase, mas que pode acompanhar essas crianças durante a vida adulta (RIBEIRO, 2015).

Sendo assim, este trabalho, tem por objetivo analisar a violência infantil em contexto brasileiro, avaliando os tipos de violências mais frequentes, os ambientes em que mais ocorrem e, por fim, correlacionar os dados regionais e nacionais disponíveis.

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, cujos dados foram obtidos no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), disponibilizado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram selecionadas notificações nacionais, do ano de 2015, de crianças menores de 1 ano a 14 anos, utilizando as variáveis região de notificação, sexo, faixa etária, etnia, tipo de exposição e evolução do quadro. O referencial teórico foi baseado em publicações pesquisadas em banco de dados da plataforma Google Acadêmico, Bireme e LILACS utilizando os descritores: criança, violência infantil, fatores de risco, prevalência.

Observou-se que o estado de Goiás representa cerca de 53% das notificações nacionais de violência infantil, o que justifica-se por aspectos sociais e fatores econômicos. Quando se trata de violência infantil, é preciso levar em consideração que as famílias com menor renda apresentam dificuldade em oferecer acesso à escola ou outros cuidados, o que pode culminar em negligência

(MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017). Entretanto, a violência infantil também ocorre nas famílias de classe média ou alta, mas, por vezes, as situações são ocultadas (PEROZZI, 2007). Assim, deve-se atentar aos casos subnotificados.

Quanto à faixa etária, o maior número de casos de violência infantil ocorre entre 1 e 4 anos, o que é congruente com a literatura. Em relação ao tipo de violência, a negligência e abandono é o tipo de maus tratos mais frequente no país e no estado de Goiás, realidade que é compatível com a literatura, na qual a negligência é evidenciada como o principal tipo de violência infantil (ZAMBON et al., 2012; APOSTOLICO et al., 2012; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017). No país a negligência é sucedida por violência física e no estado por violência sexual.

Em relação ao sexo, no estado de Goiás os números de casos foram iguais e no país a prevalência de violência é aproximada entre os dois sexos com leve predominância do feminino (53%). Na literatura, há estudos que apontam o sexo masculino como mais afetado e outros indicam o feminino, porém há aqueles que reconhecem que não há distinção significativa da violência entre os sexos (NUNES; SALES, 2016). O que é indiscutível é que tanto o gênero feminino quanto o masculino sofrem violência, a diferença são os tipos predominantes de acometimento prevalente em cada um dos gêneros (MALTA et al., 2017).

O principal local de ocorrência das agressões são as residências, tanto no estado de Goiás quanto no país, o que pode ser justificado pelo fato de que no estado de Goiás, mães e pais são os mais acusados de cometer atos violentos (32%), seguidos por desconhecidos, e no Brasil as mães são as mais acusadas como agressoras (39%), seguidas pelos pais.

Por fim, no que tange à cor da pele, a etnia branca é a mais atingida, seguida pela etnia parda. Porém, tendo em vista que a maioria dos brasileiros tem pele branca ou parda (IBGE, 2016), essa prevalência pode estar correlacionada ao número absoluto de crianças agredidas e de crianças brancas ou pardas.

Infere-se, portanto, que o estado de Goiás possui altos índices de violência infantil. Entretanto, apesar dos dados alarmantes, o dimensionamento da gravidade desse problema encontra obstáculo na subnotificação. Logo, há um entrave para a elaboração de políticas públicas que consigam atender a real necessidade desse problema e adoção de medidas efetivas para a prevenção da agressão contra a população infantil.

REFERÊNCIAS

1. Apostólico, M. R., Nóbrega, C. R., Guedes, R. N., Fonseca, R. M. G. S., e Egry, E. Y. Características da violência contra a criança em uma capital brasileira. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 20 n.2, 8 telas. 2012. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n2/pt_08>. Acesso em: 07 jan. 2018.

2. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Tabnet. **Informações de Doenças e Agravos de Notificação - De 2007 em diante (SINAN)**. Violência doméstica, sexual e/ou outras violências. 2015. Recuperado de: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sinannet/cnv/violebr.def>>. Acesso em: 07 jan. 2018.
3. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, [online]. 2016. Recuperado de: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=18268&t=o-que-e>>. Acesso em: 07 jan. 2018
4. Malta, D. C., Bernal, R. T. I., Teixeira, B. S. M., SILVA, M. M. A., e Freitas, M. I. F. Fatores associados a violências contra crianças em Serviços Sentinela de Urgência nas capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2889-2898. 2017. Recuperado de: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2889.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018
5. Mata, N. T., Silveira, L. M. B., e Deslandes, S. F. Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2881-2888. 2017. Recuperado de: <www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2881.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2018
6. Nunes, A. J., e Sales, M. C. V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21 n. 3, p. 871-880. 2016. Recuperado de: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>>. Acesso em: 07 jan. 2018
7. OMS **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra. 2002. Recuperado de: <<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018
8. Perozzi, M. Violência contra crianças está presente em qualquer classe social. **Cienc. Cult.** v. 59, n. 2, p. 9-10. 2007. Recuperado de: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200004>. Acesso em: 07 jan. 2018
9. Ribeiro, I. M. P., Ribeiro, A. S. T., Pratesi, R., e Gandolfi, L. Prevalência das várias formas de violência entre escolares. **Acta Paul Enferm.**, v. 28, n. 1, p. 54-59. 2015. Recuperado de: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500010>>. Acesso em: 07 jan. 2018
10. SBP. **Guia de atuação frente a maus-tratos na infância e na adolescência**. Editora MS. 2001. Recuperado de: <http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/maustratos_sbp.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2018
11. United Nations Children's Fund, The Body Shop International Plc. **Behind Closed Doors The Impact of Domestic Violence on Children**. 2006. Recuperado de: <<https://www.unicef.org/media/files/BehindClosedDoors.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018
12. Zambon, M. P. Jacintho, A. C. A., Medeiros, M. M., Guglielminetti, R., e Marmo, D. B. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 58, n. 4, p. 465-471. 2012. Recuperado de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010442302012000400018&lng=en&nrm=is>. Acesso em: 07 jan. 2018